

GT75: Sobre comer e viver na Amazônia: memórias, afetos e territorialidades

Carlos Dias Júnior, Miguel Picanço

Esse GT pretende receber trabalhos e pesquisas que discutem a alimentação na Amazônia e que têm objetivos ancorados nas memórias e nos afetos dos territórios amazônicos. As discussões sobre alimentação têm reconhecido a comida e o ato de comer como marcador das identidades coletivas, comunicando, assim, vivências alimentares com conceitos de pertencimento e de afetividades a um território. Ainda pensando em territorialidade temos um fenômeno mais específico que dialoga com as memórias e com os afetos. Dois temas ligados que ancoram a territorialidade às memórias alimentares (de infância, de sabores, de temporalidade, de família, de narrativas etc.) e também aos mais diversos afetos, os quais apontam para o alimento não apenas como nutriente do corpo, mas como ativador de relações interpessoais, de memórias e narrativas sobre um lugar e sobre a sua história.

Sobre a vida social do camapu nas territorialidades paraenses

Autoria: Miguel Picanço

Este ensaio, que é de cunho etnográfico, se inscreve no campo da antropologia da alimentação e constitui-se em um recorte do projeto Comida Cabocla, o qual se propõe a estudar e descrever por meio de narrativas textuais e imagéticas as experiências de sociabilidades mediadas por comensalidades que contam sobre os modos de comer e viver dos sujeitos que povoam os territórios da Amazônia paraense. No contexto do referido projeto, o Camapu, que é um fruto, objeto deste trabalho, toma centralidade, conforme apontam os dados que foram coletados por meio das redes sociais: facebook, instagram e whatsapp. Palavras-chave- Comida. Memória. Afeto

[Trabalho completo](#)

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

